

**CARAMBAIA**



CHRYSANTHÈME é o pseudônimo da carioca Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Vasconcelos (1870-1948). A escritora, hoje praticamente desconhecida, é a autora de uma vasta produção literária nas décadas de 1920 e 1930, composta por romances, crônicas, livros infantis, peças de teatro e ensaios. Dos 16 livros que publicou, conservaram-se raros exemplares — como é o caso deste *Enervadas*, lançado em 1922, que, ao que tudo indica, nunca recebeu uma segunda edição. Na obra de Chrysanthème, destacam-se as personagens femininas que questionavam os papéis tradicionalmente impostos à mulher na sociedade da época.

1

Com a face apoiada na mão e alongada numa fofa poltrona, amesquinhada e perplexa, eu penso no que me disse o médico que acaba de sair.

— Minha senhora — declarou-me ele, depois de me ter fixado longamente com um olhar estranho, que luzia através dos vidros redondos do seu *pince-nez* de tartaruga —, o que a transtorna assim tão profundamente, a faz rir, andar e chorar sem motivo, o que a impele a amar e a odiar, o que a impulsiona hoje para o bem e amanhã para o mal, o que a obriga a procurar sempre novas sensações e frequentes emoções, o que a torna, enfim, senhora de uma alma complicada e ansiosa, é que a minha deliciosa cliente é uma “enervada”.

Eu deixara-o falar, com as minhas mãos somente um pouco esfriadas sobre o meu regaço, e ouvira-o a sentir o coração bater-me sem compasso dentro do peito. “Enervada”, que queria dizer essa palavra, que me soava mal como uma ameaça de moléstia nova e ainda desconhecida?

Segundo os hábitos de todo facultativo moderno, o dr. Maceu Pedrosa elogiou a minha palidez rosada, o meu *peignoir* de rendas transparentes que eu encomendara sobre um de Francesca Bertini, que admirara no cinema, e partira depois de me receitar qualquer coisa que ainda não tive a curiosidade de ler. Ficaram-me, simplesmente fincados no cérebro, o seu longo olhar admirador de médico elegante, e o seu diagnóstico incompreensível e novo para mim: enervação!

Eu sou, então, uma “enervada”; e tudo isso que me atormenta de dia e de noite, esse atropelo de pensamentos, essa ânsia de gozar a vida, de não perder um bom pedacinho dela, de amar exaltadamente, de aborrecer depois fastidiosamente o que ontem eu adorava, serão os sintomas dessa moléstia que me atacou sem que eu lhe soubesse o nome?

Mas, Deus meu! todas as minhas amigas são então como eu umas “enervadas”, porque me parecem vítimas dos mesmos acessos que me martirizam ou me elevam ao sétimo céu! A Maria Helena, que vive

presa à saiazinha curta da Kate Villela, é forçosamente o mesmo que eu, e Laura, sempre irritada contra o pobre Luiz, e tão poucas vezes carinhosa para ele, que se arruína em recepções, em teatros, em *toilettes* para ela, tem de ser forçosamente também uma “enervada”. Não falo da Magdalena Fragoso, porque esta, à força de ingerir cocaína, perde a cabeça três ou quatro horas por dia, e nesse estado de excitação manda vir o *chauffeur* para a sala, chama-lhe filho, irmão, dá-lhe todo o dinheiro que possui e intitula-se bolchevista feroz.

Se me tivessem achado esgotada, neurastênica, com o fígado congesto ou o rim mal colocado, eu choraria, temeria a morte e, para impedir a sua vinda, numa covardia viscosa, ter-me-ia ajoelhado aos pés de botas envernizadas do meu bonito e trescalante doutor; mas “enervada”, título com que ele agradeceu todos os meus desequilíbrios de moça da moda e da época, obriga-me a alinhar, de ora em diante, em folhas de papel, tudo o que se passa em mim e comigo, para que ele tenha certeza depois de que a medicina é uma ciência de intrujice, de ignorância e de palavras sem alcance e sem sentido.

Sob a influência desse desejo de provar a Maceu que ele não entende nada de moléstias femininas e que não me impôs nenhum terror com o seu diagnóstico pomposo de “enervada”, saltei, como disse,

lépida e viva da cadeira, corro à mesa, e, diante de um mimoso papel de cartas, comprado para enviar ao Roberto as frases de amor que me brotam da mente, quando ouço uma mórbida valsa lenta ou um fogoso tango americano e leio alguns versos de Gerald, principio a escrever a história da minha moléstia, que penso não ser moléstia, mas eflúvios de uma alma de mulher bem da sua época. Antes de encetar a narração fidelíssima do meu mal, se mal ele é, torna-se necessário que eu observe aqui as respostas gaguejadas do dr. Pedrosa, quando eu, com os meus grandes olhos, abertos em súplica, lhe pedi uma explicação plausível do termo “enervada”, que ele empregara.

Ainda conservo a recordação, pensando bem, do sorriso que lhe desabrochou nesse momento, nos lábios finos e rosados, que, ao erguerem-se, mostraram uma pequenina coroa de ouro, que se ocultava no fundo da sua orla dentária perfeita:

— Ser “enervada”, minha formosa doente, é ser o que é, entendeu? — respondeu-me ele erguendo-se.

Eu não entendi nada, mas a boca de Maceu era tão vermelha e sugestiva, assim entreaberta, que o lembrar-me de fechá-la com um beijo fez-me olvidar todo o resto.

Não sei se ele adivinhou esse pensamento malsão, que me mudou o olhar um segundo, mas recordo-me que a sua mão muito branca e alongada me deu

uma palmadinha afetuosa no braço nu, que parecia de jaspe, na doce sombra do aposento em que nos achávamos.

Será ser “enervada” ter-se vontade de beijar um médico moço e bonito que nos visita na intimidade do nosso quarto, que nos apalpa e nos ausculta com carinho e a quem nós confessamos os nossos gostos, os nossos sonhos, os nossos temperamentos?

Certamente que não. Isso é ser-se humano e mais nada.

Bem! mas continuemos, ou antes, comecemos a nossa narrativa. Antes de tudo tratemos do meu físico, porque muitas vezes o físico ajuda a compreensão do moral. Eu fiz, na primavera passada, 30 anos, que completaram, com sua pujança, o encanto um pouco delgado demais antes deles da minha pessoa. Entretanto só confesso 26. Todas as minhas amigas agem como eu, e, quando alguém duvida da veracidade de uma de nós, todas as outras afirmam e juram, numa voz só, que a esperança de que seja sincera na questão de idade é irrealizável, pois é um crime antifeminino. Até a *mignone* Kate, que fez a semana passada 20 anos, disfarça a sua pouca idade, dizendo em tom terno e com aqueles olhos claros de criança, que ainda não completou 16!...

A mentira faz parte, como se vê, da organização social de hoje. Está na massa do sangue de todos nós.

O dr. Pedrosa garantiu-me que eu sou bem constituída, frase que eu tomei na sua verdadeira expressão, que eu era excessivamente bem-feita, apesar de alta e delicada. Os meus olhos de que cor serão? Esperem que eu vá buscar um espelho e, mirando-os, eu os descreverei melhor. Muito bem. Eles possuem uma cor indecisa entre cinzento e azul, mas pertencem à classe dos felinos, em que a falsidade se alia a uma misteriosa luz. Quando eu era criança, a minha mãe, antes de ir para os bailes, beijava-me um instante levemente, muito de leve na testa, e contemplando-me um instante no seu *face-à-main*<sup>1</sup> de ouro, exclamava: “Esta pequena tem uns olhos de gata”.

“Deve enxergar no escuro!” Foi desde esse dia que eu entrei a sonhar com gatos, a imaginar-me uma gatinha branca na outra existência e a extasiar-me de gozo, quando uma tarde em que discutíamos, uma das minhas camaradas me disse com cólera: “Já estás tu com os teus olhos de gata enraivecida!”. Os meus cabelos? Realmente, já esqueci a sua cor natural, porque a moda hoje prescrevendo o simples castanho ou o negro banal das tranças femininas, eu tentei, com a ajuda do *henné*<sup>2</sup>, dar-lhes um colorido entre verme-

---

1 Em francês, lornhão, espécie de luneta feminina. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO, SALVO MENÇÃO CONTRÁRIA.]

2 Grafia francesa para *henna*, tintura indiana para cabelos.

lho e preto, que atrai o olhar como uma chama velada. Estou crente que me veem tal qual sou depois desse retrato, não? Esbelta, alta, de rosto fino, olhos perversos, em toda eu transpira o anseio louco de ser admirada, desejada e de sentir bem nos lábios, que uma macia e rósea polpa forra, todo o sabor gostoso da vida.

Eu possuo umas parentas velhas que me julgam uma criatura abandonada por Deus e condenada às fogueiras infernais. Quando me encontram na rua, sobretudo depois do meu divórcio com Júlio, cuja honra se sentiu melindrada repentinamente, mas só após as minhas idas sucessivas ao ministro para que este lhe arranjasse um emprego e uma promoção —, elas fecham e sombreiam as velhas e murchas faces quando nos passeios ou festas me avistam esgaldada e formosa nos meus vestidos ultramodernos, dentro dos quais o meu colo, os meus braços e as minhas pernas não se sentem prisioneiros. É uma graça ver-se então os olhares faiscantes de desdém invejoso que as anciãs me lançam dentre as pregas amolecidas e balançadas das suas gorduras amarelas. Eu rio-me, sempre, nessas ocasiões, mas oculto uma intensa vontade de lhes dizer que eu não sou tão ruim, nem tão pecadora como elas me julgam, segundo a sua estreita visão da virtude.

Por que seria eu má? Meu pai era bom, generoso, embora melancólico por causa da existência a que o

obrigava minha mãe, fútil e gozadora, para a qual dormir era perder tempo e meditar estragar o dia. Vejo ainda meu pai no fundo do seu gabinete a estudar latim, a lê-lo em voz alta, fazendo soar bem claro o final das declinações. Eu, como filha única, possuía a inteira afeição desse casal tão disparatado, mas essa afeição só transparecia em tão raros momentos que muitas vezes, esquecida dela, eu me agarrava à criada preta que cuidava de mim. Mas eu nunca fui realmente má. Tinha sempre um gesto de carinho para o nosso velho cão Nestor, e vertia lágrimas quando minha mãe, aborrecida com as lambidelas do pobre animal, o empurrava com o pé ou com qualquer outra coisa que encontrasse à mão. Pobre e triste Nestor, como ele respondia ao afeto que eu lhe servia, ambos nós isolados na grande casa do Rio Comprido, cujas alamedas corríamos um atrás do outro, gritando eu, latindo ele, numa fusão de alegria de dois amigos íntimos!

Não sei por que hoje, diante desse quadrado de papel róseo, em que resolvi escrever minha história passada e presente, a fim de *interloquer*<sup>3</sup> o galante dr. Maceu sobre o seu pseudodiagnóstico de “enerxada”, muita recordação que eu julgava olvidada me vem à mente! Evoco os meus 15 anos, e lembro-me de

---

3 Em francês, surpreender.

que no dia desse meu aniversário minha mãe despertou com uma face tão aborrecida que imediatamente tudo e todos na casa tomaram um aspecto tristonho. Convidara eu algumas camaradas minhas do colégio que frequentava naquela ocasião como interna, e à vista do rosto cerrado da minha progenitora compreendi logo que o meu *lunch* ficaria gorado. Fazia um lindo domingo, todo luz e ouro, com uma brisa fresca a embalar as árvores da nossa chácara. Do repuxo, a água irisada caía em chuva fina sobre a bacia, onde, de espaço em espaço, uma cabeça de anjo se debruçava. Eu era naquele dia uma mulher, pensava eu, e no meu cérebro uma imensidade de desejos vagos mas tumultuosos e em borbotões se acendiam.

Passei pelo jardim, cheirando as flores, mirando o céu rutilante de claridade e mordendo de quando em quando uma folha que arrancava das árvores enquanto passava entre elas. Fervia dentro de mim um mundo de esperanças, de ânsias, de ideais mal esboçados...

Tudo isso ruiu diante do olhar da minha mãe, que me esperava na sala de jantar. Declarou-se ela doente, incapaz de receber alguém, de ouvir barulho, dando ordem para se fechar o portão e dizer a toda a gente que não havia pessoa alguma em casa.

Agora, mais experiente, eu penso que naquela bela manhã em que eu entrava nos meus luminosos



15 anos a minha autoritária e majestosa mãe teve pela primeira vez a noção da velhice que se aproximava dela, à medida que a mocidade vinha a mim, com os seus enlevos, os seus entusiasmos, a sua radiosidade.

Nessa manhã, porém, eu não imaginei nada disso: só me lembro que chorei, chorei como uma criança que ainda era.

Aliás, alguns meses depois, ela morria repentinamente em pleno fulgor, na sua plena soberania de mulher. Meu pai, viúvo, em vez de se agradar do silêncio e sossego da casa, retirou-me do colégio mundano onde me educavam, ensinando-me o francês, as danças, as distinções sociais entre os ricos e os pobres, entre as meninas que pagavam muito e as que pagavam pouco, entre as que trajavam elegantemente e as que um vestido modesto somente podiam usar, e deu-me professoras a domicílio. Começou então, para mim, uma existência feliz e livre...

Recebia quem queria, nos meus dias de recepção, dançava em liberdade os tangos modernos e lia tudo que me caía debaixo dos olhos. As minhas velhas tias já citadas quiseram intrometer-se no meu modo de viver, censurando-o a meu pai, mas eu servi-lhes um tal gelado diálogo quando elas me foram visitar depois disso que já naquele tempo eu lhes devia parecer uma alma danada!

## 2

A existência corria para mim brilhantemente, embora eu tivesse de quando em vez os meus momentos de fastio e de intensa fadiga d'alma. Nesses dias, encerrava-me no meu quarto, fechava todas as janelas e cortinas e, no meu leito, abraçada a um úmido ramalhete de rosas ou de cravos, eu cismava vagamente em mil coisas, ou simplesmente modorrava de um modo doentio. Não pensava por enquanto na morfina, que nos causa bebedeiras paradisíacas, nem na cocaína, que, depois de uma ligeira exaltação, nos serve a calma sem eternidade de uma morte aparente.

O mundo e os seus deleites, o sofrimento com o seu cortejo lívido de apreensões, desapareciam do meu cérebro nessas ocasiões em que eu sentia o arrancamento ou uma fuga d'alma fora do meu corpo. Jazia horas e horas atirada sobre o leito como um manequim quebrado e, quando voltava a mim, os meus olhos erravam atônitos e piscantes em torno do meu quarto luxuoso e perfumado, que eu desconhecia um segundo. Esmagadas, moribundas, as flores destilavam um aroma estranho, um aroma de esquife, e perdiam-se entre as rendas da minha colcha e entre as pregas do meu *peignoir*. Era como se tornasse a mim depois de um desmaio, e juro-lhes que nunca me achei tão linda como após esses

estados mórbidos a que eu me entregava com uma delícia inconsciente e um temor em que havia o receio de não mais voltar à vida. Quando lassa, com uma leve dor nas fontes e o corpo entorpecido como se tivesse sofrido uma flagelação, eu me erguia dentre os travesseiros, o meu primeiro cuidado era abrir largamente as venezianas que impediam a entrada da luz de fora e mirar-me no grande espelho que defrontava a minha cama. Em geral, esses meus acessos atacavam-me no meio do dia, após noites consecutivas de danças, tardes de recepções extensas em que eu recebera palavras de amor, sem que elas ecoassem no meu espírito ou no meu organismo. Eu adorava os aromas fortes, as músicas ardentes, os vinhos doces e, sob o domínio desses venenos que se intrometiam pelas minhas narinas, pelos meus ouvidos e pelas minhas entranhas, eu me sentia capaz de tudo, nova Antéa surgida de todas essas capitosas sensações. No langor dos tangos, ao calor do perfume destilado pela minha própria transpiração ou pela do meu companheiro, ao som das harmonias sensuais e tendo ainda na garganta o sabor ardente do *champagne*, eu me imaginava em países irreais, apaixonada brutalmente por aquele homem que eu mal vira e que rodopiava comigo, atento somente aos passos sábios da dança moderna. Cessava a música, o aroma fugia à quebra dos movimentos,

o vinho deixava de exercer sua ação e eu, envergonhada, tornava a adquirir a minha personalidade de moça da moda que também é moça de família. Ah! se os homens adivinhassem o que se passa no íntimo das raparigas com quem dançam, as cenas seriam ainda mais escandalosas do que já o são.

Uma noite, papai, sempre muito pálido, jogava pôquer na salinha, próxima ao grande salão, com alguns amigos, quando um dos meus melhores tanguistas me apresentou Júlio de Azevedo, que, mais tarde, devia ser escolhido pelo Destino para meu marido. Diziam-no admirável no *fox-trot*, no *ragtime* e na mazurca. Mirei-o de alto a baixo com o meu *lorgnon* de tartaruga como se mira a um cachorrinho de luxo com que se é presenteado e depois estendi-lhe a mão tão bruscamente que as minhas pulseiras tilintaram. Era o meu *chic* esse aperto de mão rápido, robusto. E conversamos naturalmente sobre danças. Júlio pareceu-me uma mulher disfarçada, mas a finura da sua cútis que uma leve camada de pó de arroz cobria, a sua boca fresca de dentes são, que lembravam os do meu *loulou* todo branco e ouro que eu apelidara *Vice*<sup>4</sup> para desconcertar as minhas tias, fizeram com que eu simpatizasse com ele. E nessa noite ensaiamos os nossos mais difíceis

---

4 Vício. [N.A.]

passos terpsicorianos. Lembro-me tão bem dessa noite que me parece ainda senti-la no céu e na terra! Havia luar, um pálido luar que, de quando em quando, nuvens tapavam e um silêncio fora do comum reinava àquelas horas na nossa rua. Debaixo da janela onde eu me debruçara com Júlio depois de um *ragtime* cheio de ciência e ardor, um arbusto de jasmims brancos, como gotas de neve, estrelava a grama e delas subia um aroma tão forte que me transtornava a cabeça. O rosto do meu par era sereno como a noite e só os seus olhos, de uma cor amarela, brilhavam na escuridão. Fui *coquette*, soltei uma daquelas risadas cristalinas que se balançam entre a ingenuidade e a ironia e encostei meu braço, alvo como uma camélia branca, na manga escura do seu smoking. Ele virou para mim a face, que uma interrogação riscava, e o seu olhar procurou o meu de frente e sem timidez. Recuei o braço, ri de novo e, na pausa silenciosa que entorpecia a noite, eu aspirei de novo o aroma dos jasmims. A música, na sala, recomeçara as suas ondas de harmonia e, por mim e em mim, passou um sopro infernal. Júlio pegara na minha mão, que se assemelhava a uma flor, e a levava aos lábios. Dos seus cabelos escuros, separados no meio da testa, um voluptuoso cheiro de loção veio às minhas narinas. Sem uma palavra, ele me enlaçou e dançamos tão perfeitamente que uma salva de palmas nos saudou ao

terminarmos. Eu empalidecera debaixo da nuvem de *rouge* que já usava e ele corara como o caçador que sente a presa ao seu alcance.

Essa noite, oh! meu Deus!, essa noite ou antes essa madrugada como eu me senti viver! No terraço que sucedia ao meu quarto, entre os vasos de flores e as grossas tinas de palmeiras que o ornavam, fitando o firmamento esbranquiçado pela lua que vencera as brumas e que se estatelava nele como uma obreia pálida, eu gritei apertando os meus seios que, turgidos, erguiam o meu penteador: “Eu hoje sou feliz, completamente feliz!”.

Um galo cantou num quintal próximo como se respondesse ao meu clamor de felicidade por um sarcasmo. Mas eu, soltando os meus cabelos como um pavilhão de formosura e de triunfo, desafiei o universo inteiro.

### 3

Desde essa noite, o meu *flirt* com Júlio tornou-se mais ativo e começaram as pessoas das nossas relações a lançar-nos indiretas que me faziam morder os lábios e piscar os olhos indecisos do meu constante par de dança. Ele, porém, não me falava em casamento e isso me agradava. A incerteza da es-